

3. DO SIMBÓLICO

Andrade, 2010

“o pedagogo precisa dar atenção especial a seu próprio estado psíquico a fim de estar apto a perceber seu erro, quando houver qualquer fracasso com as crianças que lhe são confiadas. Ele mesmo pode ser a causa inconsciente do mal.”
Carl G. JUNG (1981)



**Imagem extraída da internet
(sem referência ao autor ou site)**

Resumo: Este artigo resulta da dissertação de mestrado¹ e da experiência de mais de dezoito anos na clínica de uma psicóloga, atuante em consultório e em escolas, particulares e públicas, com crianças, famílias e educadores. A partir de experiências profissionais e do seu próprio processo de individuação² a levou a refletir sobre a importância de incluir a vivência simbólica³ no processo de autoconhecimento do educador. A partir deste tema, que foi trabalhado na sua pesquisa de mestrado, este é um caminho apontado como resultado da pesquisa, que a mobilizou para uma prática educacional que envolve a Totalidade do Ser e, por conseguinte, engloba as funções sentimento, intuição, pensamento e a sensação. Este artigo pode ser denominado como um convite “despertador” de uma pesquisadora que na medida em que ao se “entregar” a este caminho realizou uma trilha transformadora. Acredita no caminho de vivência integradora e transformadora por meio do simbólico e a partir do seu processo de

¹ Autoconhecimento e pedagogia simbólica Junguiana: Uma Trilha Interdisciplinar Transformadora na Educação (realizada na PUC-SP, defendida em 15/09/2010)

² O conceito de individuação foi criado pelo psicólogo [Carl Gustav Jung](#) e é um dos conceitos centrais da sua [psicologia analítica](#). A individuação, conforme descrita por Jung, é um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do [Si-mesmo](#), a totalidade (entenda-se totalidade como o conjunto das instâncias psíquicas sugeridas por Carl Jung, tais como [persona](#), [sombra](#), [self](#), por exemplo) de sua personalidade individual.

³ Segundo Dr. Byington “todas as coisas e vivências são símbolos. A percepção da parte como símbolo a remete ao Todo. Assim conceituado o símbolo é a célula da Psique (Saiz laureiro, 1989). Ensinar por intermédio do símbolo, por conseguinte, é situar a parte inseparavelmente do Todo.” (2003, p.34/35)

autoconhecimento, deseja ao compartilhar o seu processo, mobilizar educadores para que possam iniciar ou reiniciar suas próprias trilhas simbólicas transformadoras.

Palavras - chave: Autoconhecimento. Vivência simbólica. Trilha transformadora.

1. Introdução

A partir deste artigo resultante da minha dissertação de mestrado⁴, como psicóloga e educadora, desejo ao compartilhar o meu relato sobre o meu despertar simbólico contemplado no meu processo de individuação, mobilizar educadores para que possam refletir sobre a possibilidade de se autoconhecerem por meio da vivência simbólica⁵ e construir caminhos que possam direcionar a educação integradora.

Como pesquisadora, ao seguir o meu mito pessoal ou metáfora: “Transformar-se para poder transformar”, aponte para a reflexão sobre a importância de o educador conhecer-se para construir caminhos que possam direcionar a educação integradora. Para que este caminho possa ser concretizado, na pesquisa foi apontado outro elemento necessário ao processo educacional que diz respeito à vivência da consciência humanizadora propiciado pelo caminho vivencial da elaboração simbólica, que envolve a Totalidade do Ser e, por conseguinte, engloba as funções sentimento, intuição, pensamento e a sensação.

Antes do relato da minha “trilha transformadora”, inicio o chamado para aqueles que desejam se dispor a dar alguns passos que reconheci como fundamentais para iniciar a minha trilha. Esses passos foram direcionados ao responder as seguintes questões simbólicas introdutórias: Qual é o ponto de partida? Como se podem aproveitar outras experiências de trilhas anteriores? Para onde se deseja ir? É possível se definir o trajeto? Qual é a finalidade consciente e inconsciente ao realizar este caminho? O que é necessário levar na bagagem para se percorrer esta trilha? Esta é uma proposta que pressupõe a transformação do educador e educando no processo educacional, é facilitada para o educador que se dispõe a ousar, a inovar a se transformar para poder transformar.

2. Vivenciando o mito pessoal

Na minha dissertação, vivenciar de forma intuitiva o mito pessoal, que segundo Campbell (2007) é uma metáfora da potencialidade espiritual do ser humano, me direcionou por meio do universo simbólico para o meu desenvolvimento espiritual, contemplado no processo de individuação, o que revela o mito como um “chamado anímico”, podendo funcionar como uma “chave despertadora” para este processo.

⁴Autoconhecimento e pedagogia simbólica Junguiana: Uma Trilha Interdisciplinar Transformadora na Educação (realizada na PUC-SP, defendida em 15/09/2010)

⁵ Segundo Dr. Byington “todas as coisas e vivências são símbolos. A percepção da parte como símbolo a remete ao Todo. Assim conceituado o símbolo é a célula da Psique (Saiz laureiro, 1989). Ensinar por intermédio do símbolo, por conseguinte, é situar a parte inseparavelmente do Todo.” (2003, p.34/35)

Quais são os passos para sermos despertados pelo universo simbólico? Quando a mente explora um símbolo, segundo Jung, as idéias são conduzidas fora do alcance da razão. A imagem ou palavra, segundo Jung (1987), pode ser simbólica, na medida em que implica algo além do seu significado manifesto e imediato, apresenta um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou esgotado.

Segundo Campbell, nós somos tomados pelos mitos, somos capturados pelos mitos, ou seja, talvez deixarmos entrar em contato com algum símbolo ou vivência simbólica que pode surgir por meio de uma idéia, imagem ou sonho, inicialmente pode causar estranhamento ou curiosidade. Na minha vivência fui capturada pela imagem da “flor de lótus”. Embora ao iniciar a minha pesquisa, tinha conscientemente outro planejamento e outra temática que me causou certo estranhamento, no entanto, me permitiu entrar em contato com esta metáfora simbólica de transformação. Abri “mão” do controle racional e da função pensamento e me direcionei a um importante ponto de partida para a trilha: “A entrega”.

Posicionando – me no ponto de partida, pronta para o desconhecido e levando na bagagem a “escuta sensível”⁶, iniciei o meu percurso rumo ao processo de individuação-trilha transformadora. Entrar em contato com símbolos inconscientes existentes na “sombra”, aspectos obscuros na minha psique, propiciou examinar e reavaliar trilhas anteriores para poder preparar a bagagem para esta trilha.

Byington (1996) entende que pode evitar a neurose, quando as defesas não se cronificam e o acesso aos símbolos inconscientes existentes na Sombra é mais livre, o que denominou de Sombra Circunstancial. E assim quando existe um bloqueio dos símbolos inconscientes existentes na Sombra pelas defesas do Ego consciente por um longo período geralmente existe uma fixação e uma resistência maior das defesas e esse acesso aos símbolos inconscientes fica mais difícil. Essa sombra é denominada pelo autor de Sombra Cronificada. Como reconhecemos e agirmos com esses símbolos “sombrios” em um processo educacional? As funções estruturantes de defesas surgem sempre que a elaboração simbólica for dificultada e forma uma fixação. A empatia, a compreensão, ou seja, a afetividade na relação no processo educacional ajuda a evitar a formação da Sombra Cronificada e muitos casos, ainda, podem ajudar a transformá-la em criativa.

No meu processo ao vivenciar os aspectos inconscientes e sombrios como, por exemplo, a dificuldade de escrever desenvolvi a função da criatividade e inclusive a ousar a escrever poesias.

Todas as funções psíquicas, segundo Byington (2003), são estruturantes. Medo, ansiedade, orgulho, coragem, tristeza, alegria e todas mais, contêm as polaridades e interagem criativa e defensivamente em nosso processo de individuação. Cabe ao educador perceber o que ocorre na interação com o aluno no contexto escolar, o que Byington denominou de Self pedagógico. Ao levar na minha bagagem e reconhecer no meu percurso todas estas polaridades na minha própria ação pude-me sentir mais integrada e interagir no contexto educacional de uma forma diferente, por exemplo, com novas idéias e projetos.

Outro elemento da bagagem para esta trilha foi desejo inconsciente de “humanização” no processo. Para isto a condição foi voltar ao mundo vivido e recuperar a unidade pessoal, pois, o grande desafio foi à tomada de consciência sobre o sentido da

⁶ Segundo Barbier, (2007, p. 94): “escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro *para compreender do interior* as atitudes e os comportamentos, os sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos” (grifo meu), ou a existencialidade interna.

presença do Ser humano no mundo, portanto, o que requisitou uma mudança de postura na relação metodológica de como ensinar e como. Levou em conta os pressupostos de substituição de uma concepção fragmentária, pela concepção unitária de Ser humano no sentido da recuperação da totalidade.

Segundo Jung, o inconsciente coletivo é organizado em símbolos e modelos chamados arquétipos. Os mitos representam um tipo de arquétipo. A formação de cristais foi uma analogia que Jung usou para ajudar a explicar a diferença entre os padrões arquetípicos e os ativados em nós: um arquétipo é como um padrão invisível que determina qual a forma e a estrutura que um cristal tomará enquanto se molda.

Outros tipos compreendem as histórias de fadas, as sagas populares e as obras de arte. Segundo Jung, todas as mitologias têm alguns traços comuns e estudando a mitologia poderíamos traçar o desenvolvimento psicológico da humanidade. Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida. Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira é a função mística. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério transcendente. A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa- mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo – o de uma forma que o mistério, outra vez se manifesta. A terceira função é a sociológica – suporte e validação de determinada ordem social (princípios éticos, por exemplo). E aqui os mitos variam de lugar para lugar, mas existe a quarta função do mito, aquela que todas as pessoas deveriam tentar se relacionar - a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Hoje temos que reaprender o antigo acordo com a sabedoria da natureza e retomar consciência de nossa fraternidade com os animais, a água e o mar.

Segundo Campbell (2007), precisamos de mitos que identifiquem o indivíduo, não com o seu grupo regional, mas com o planeta. Não se pode prever que mito está para surgir, assim como não pode prever o que irá sonhar esta noite. Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica e está relacionado ao amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e depois à morte. Assim, ao seguir o caminho simbólico não é possível se definir o percurso, a trilha vai sendo construída.

Entrar em contato com o mito me encorajou a construir a trilha. O mito ajudou a reagir diante de certas crises de decepção maravilhamento, fracasso ou sucesso. O mito me ajudou a me reconhecer no meu processo. Como podemos observar a partir dessas colocações, os mitos podem nos aproximar de nós mesmos, do nosso próprio processo de individuação, de crescimento, de desenvolvimento.

Após a identificação de alguns sinalizadores, e alguns itens para a bagagem deste percurso simbólico durante a minha pesquisa, sintonizados por meio da escuta sensível, pude reconhecer a importância de incluir na bagagem a pedagogia simbólica Junguiana e a interdisciplinaridade.

O método da pedagogia simbólica, segundo Byington (2003, p. 15): “centrado na vivência e não na abstração, e que evoca diariamente a imaginação de alunos e educadores para reunir o objetivo e o subjetivo dentro da dimensão simbólica ativada pelas mais variadas técnicas expressivas para vivenciar o aprendizado”.

No meu processo, frente a uma realidade posta, a vontade que nasceu do coração precisava da ação e de mãos para ser construída. Era um “pedido” do meu *self*⁷. Percebia, aos poucos, que as questões apresentadas me conduziam para uma direção em

⁷ Self ou si mesmo, Jung considera como principal dos arquétipos ou arquétipo central e a soma dos processos inconscientes e conscientes.

busca da minha totalidade. Assim, para iniciar a trilha simbólica é importante reconhecer quais são as verdadeiras mobilizações e origens do movimento.

Na minha trilha pude reconhecer a importância de perceber e desenvolver outras capacitações que vieram da dimensão afetiva e da função do sentimento.

Reconheci a importância de vivenciar o arquétipo de Alteridade que propicia a dialética do processo da mutualidade, do Encontro e rege a diferenciação da Consciência e, por isso, possibilita a integração das polaridades e sabedoria do viver. Inclui os arquétipos da anima⁸ e do animus que lideram o processo de individuação na segunda metade da vida e possibilitam a capacidade de empatia, uma vez que equacionam melhor a relação do Ego – Outro no que propicia a interação criativa entre o padrão matriarcal e o patriarcal.

Confrontar-se com aspectos mais obscuros da sombra como “potenciais transformadores”⁹, podem emergir ao longo dessa trilha interdisciplinar. Metaforicamente, aqui pode aparecer o mito pessoal, bem como, evidenciado a importância da vivência simbólica no processo de desenvolvimento. A vontade de transformar e a integração psíquica do princípio feminino possibilitaram a expansão da sensibilidade e afetividade o que se opõe a uma atitude autoritária e machista que ainda prevalece em muitas situações e contextos, inclusive no educacional.

Para que a trilha fosse percorrida a Interdisciplinaridade que, segundo Fazenda (2003), é pautada em ação, movimento e reconhece a renovação e transformação nesse processo, proporcionou encantamento nas práticas educacionais.

Humildade, respeito, desapego, espera e coerência, são destacados e trabalhados por Ivani Fazenda como importantes princípios Interdisciplinares. Por meio do desenvolvimento desses princípios, dimensões essenciais do ser humano, vivenciei por meio da interdisciplinaridade, a finalidade de educação proposta por Gusdorf (2006), uma vez que contribui para a ampliação da consciência de humanidade.

3. Considerações finais

Todas as questões levantadas que abarcam o processo de autoconhecimento, poderiam ser aplicadas na formação do educador, o que a partir da ampliação da percepção contemplaria o desenvolvimento do Ser em sua totalidade, o que se assemelha ao processo denominado por Jung de individuação, que significa um processo por meio do qual o ser humano evolui do estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica a ampliação da consciência.

O padrão de totalidade afeta nossas vidas pelas necessidades de integridade, de completude de autenticidade e coerência e são fundamentos também presentes na interdisciplinaridade, pois reúne tudo o que diz respeito ao processo de Ser. Quando o educador se fecha para este arquétipo, pode perder o sentido de sua vida e profissão.

É o arquétipo que pode mobilizar o educador para o ensino da Totalidade e não somente para a habilidade cognitiva e, por englobar o caminho das polaridades, aproxima as funções psíquicas opostas: sentimento e intuição e pensamento e sensação.

⁸ São termos introduzidos por Jung que representam a complementaridade no psiquismo masculino (anima) e no feminino (animus).

⁹ Simbolicamente compreendido como talentos ou potencialidades desconhecidas.

Pude me beneficiar vivenciando esse arquétipo, que era a minha pergunta existencial: Como poderia realizar esse processo? Sinto que mesmo que quisesse contribuir, enquanto psicóloga, para mobilizar o educador para que esse arquétipo pudesse ser vivenciado, que foi a minha pergunta consciente, não conseguiria totalmente, teria primeiro que percorrer essa trilha que me transformou, ou seja, seguir o meu mito pessoal: “Transformar-se para poder transformar”. O que aponto para a reflexão sobre a importância de o educador conhecer o seu mito pessoal, que será possível se houver o desejo e movimento do educador para se conhecer.

Como colocou Cortella (2008) “Qual é a tua obra?” sugere a importância da subjetividade no processo educacional, o que implica o processo de autoconhecimento.

Propiciar o acolhimento da intuição e do sentimento do aluno, já seria um caminho para mudar esse cenário educacional fragmentador, pois de acordo com Byington, são funções estruturantes que conectam as partes com o Todo e nos encaminham para compreender a importância do trabalho com o imaginário e a fantasia.

A tendência para o terceiro milênio é de que possamos estabelecer o equilíbrio e a dialética entre o matriarcado e patriarcado, o que ocorre na função do arquétipo da Alteridade. Esse movimento para estabelecer o equilíbrio entre as forças do masculino e do feminino também podem se relacionar com as colocações de Ruy Cesar do Espírito Santo (2003) no que diz respeito à humanidade passar por estágios em seu desenvolvimento.

Através do processo de autoconhecimento ou individuação, o Ser identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do si-mesmo (self) ou totalidade, o que poderia mobilizá-lo para uma prática propiciadora de habilidades interacionais ligadas ao ouvir, compreender, aceitar, respeitar e compartilhar, o que, contribuiria com o processo educacional.

Dessa forma, o processo de autoconhecimento poderia contribuir para que as atividades no cenário educacional fossem realizadas de uma maneira mais totalizadora, onde não só sobressairia o pensamento ou os conteúdos a serem assimilados de uma forma mental, como também englobaria, por meio de um trabalho de dramatização, contação de histórias ou mitos, dimensões que incluiriam o corpo, o movimento, as sensações, as intuições e os sentimentos no processo educacional.

Assim, somos influenciados por forças interiores, os arquétipos, que podem ser personificados por mitos pessoais. Quando sabemos quais mitos pessoais são as forças dominantes no seu íntimo, adquirimos autoconhecimento, força dos instintos, conhecimentos das habilidades e prioridades, possibilidade de escolhas mais saudáveis.

Concluo que o caminho simbólico poderia ser um recurso a ser utilizado para proporcionar a educação integral do próprio educador, ou seja, um processo que pode propiciar o educador a se tornar mais consciente de si – mesmo, conectado com os seus sentimentos, pensamentos, sensação e intuição, o que conseqüentemente poderia torná-lo um facilitador para esta integração no processo educacional.

No meu trabalho a importância se trabalhar com aspectos do feminino, da função matriarcal, segundo Jung denominou de animus no Homem, que significa procurar a fonte da própria vida, a relação entre o seu corpo, enquanto forma física, e essa energia que o anima. A figura da deusa pode representar vários aspectos: a busca da natureza, terra, construção, destruição, começo, fim, vida, morte, representa a vida, início, a força instintiva, compaixão. Incluí também o masculino em sua totalidade. Todos esses

aspectos foram originários da grande Deusa, para depois serem desmembrados para as outras deusas.

Assim, somos influenciados por forças interiores, os arquétipos, que podem ser personificados por mitos pessoais. Quando sabemos quais mitos pessoais são as forças dominantes no seu íntimo, adquirimos autoconhecimento, força dos instintos, conhecimentos das habilidades e prioridades, possibilidade de escolhas mais saudáveis.

BIBLIOGRAFIA:

- ARANTES, Valéria. **Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação** videtur –23.
- BYINGTON, C. **Pedagogia Simbólica**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. **A construção amorosa do saber: O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Religare, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- _____. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- ESPÍRITO SANTO, R.C. **Pedagogia da transgressão**. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. **O renascimento do sagrado na educação**. Campinas: Papyrus, 1998.
- _____. **O autoconhecimento na formação do educador**. São Paulo: Agora, 2007.
- FREGTMAN, CARLOS. **Música Transpessoal**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- FRIEDMAN, A. e CRAEMER, U. Et Al. **Caminhos para uma aliança pela infância**. São Paulo: Vida e Consciência, 2003.
- FURLANETTO, C. ECLEIDE. **Como nasce um professor?**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GALVÃO, Izabel. **Revista Paulista, Educação Física. São Paulo, sup. 4, p 7 – 130, 2001.**
- GUILLARME, J.J. **Educação e reeducação psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1993.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.
- FAZENDA, Ivani (Org). **A pesquisa em educação e as transformações e conhecimento**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991.
- FAZENDA, Ivani (Org.). **Dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GODOY, Herminia Prado (Org). **Terapia da Consciência multidimensional: teoria e técnicas**. Registrado Biblioteca Nacional sob o número 359.548, livro: 664, Folha: 208 em 10/11/2005.
- JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C.G Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- JUNG, C. G. **The Collected Works, Princeton University Press**, 1973, Vol. 18, p. 5-182.
- LÓPEZ, R.E. **Introdução à Psicologia Evolutiva de Jean Piaget**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.
- SANTOS NETO, Elydio dos. **Por uma educação transpessoal: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof**. São Bernardo do Campo, SP: Metodista; Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- SCHILDER, P. Revista digital – **Buenos Aires – Ano 0 – no. 68, 2004**.
Site: www.psicossomatica.com.br
- TRINDADE, A. **A criança e seu corpo: gesto e identidade**, in FRIEDMAN, A. e CRAEMER, U. et al. **Caminhos para uma aliança pela infância**. São Paulo: Vida e Consciência, 2003.